

Hospícios: a escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado e Austregésilo Carrano Bueno

Hospices: the autobiographical writing of Maura Lopes Cançado and Austregésilo Carrano Bueno

Edivaldo Rafael de Souza

Graduando do curso de História pelo Centro Universitário de Patos de Minas - UNIPAM.

E-mail: edivaldorafael007@gmail.com

Roberto Carlos dos Santos

Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

E-mail: profrcsantos@yahoo.com.br

Resumo: Os principais objetivos desta pesquisa foram demonstrar as aproximações e os distanciamentos entre os livros *Hospício é Deus – diário I* (1965), de Maura Lopes Cançado, e *Canto dos Malditos* (1990), de Austregésilo Carrano Bueno. Nesse sentido, propõe-se investigar como era a relação entre corpo médico e os internos nos hospícios brasileiros, na segunda metade do século XX. Além disso, buscou-se compreender a importância do depoimento autobiográfico evidenciado nas obras citadas, que serviram como objeto de investigação neste trabalho acadêmico. A metodologia utilizada constitui-se de referências bibliográficas, audiovisuais, iconográficas e webgráficas. A apresentação dos resultados da pesquisa inicia-se com os aspectos da vida dos autores e, posteriormente, como eles foram internados nos hospícios, ou seja, quais as referidas causas. E, por último, de que forma os relatos descritos nos livros auxiliam num entendimento sobre o tratamento mental brasileiro durante as décadas abarcadas na pesquisa.

Palavras-chave: Hospícios. Hospício é Deus. Canto dos Malditos.

Abstract: The main objectives of this research were to demonstrate the approximations and distances between the books *Hospício é Deus – diário I* (1965) by Maura Lopes Cançado and *Canto dos Malditos* (1990) by Austregésilo Carrano Bueno. In this sense, it is proposed to investigate the relationship between the medical staff and the inmates in Brazilian hospices in the second half of the 20th century. In addition, we sought to understand the importance of the autobiographical testimony evidenced in the works cited above, which served as an object of research in this academic work. The methodology used is bibliographic, audiovisual, iconographic and web-based. The presentation of the results of the research begins with the aspects of the life of the authors and, later, how they were hospitalized in the hospices, that is, the aforementioned causes. And lastly, how the reports described in the books help in understanding the Brazilian mental treatment during the decades covered in the research.

Keywords: Hospices. Hospício é Deus. Canto dos Malditos.

1 Introdução

O hospício é árido e atentamente acordado. Em cada canto, olhos cor-de-rosa e frios espiam sem piscar. Os dias neutros. As tardes opacas, vazias, quando um ruído assusta, como vida, surgida rápida, logo apagada – extinta (CANÇADO, 1979, p. 77).

Esta pesquisa analisa a escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado (1929-1993) e Austregésilo Carrano Bueno (1957-2008), enquanto encontravam-se internados em hospitais psiquiátricos. A partir dessas experiências, existe, neste trabalho, uma relação dialógica entre a História, a Literatura e a Psicologia, na medida em que devem ser levados em consideração diferentes aspectos que estão incorporados a esse tema. Com isso, este trabalho justifica-se na análise sobre como era o procedimento de internações e de tratamento nos hospícios brasileiros, principalmente naqueles especificados nos livros, durante as décadas de 1960 a 1990.

Para isso, serão analisados os livros *Canto dos malditos* (1990), do escritor paranaense Austregésilo Carrano Bueno, e *Hospício é Deus – diário I* (1965), da escritora mineira Maura Lopes Cançado. Nesse sentido, quando se analisa os dois livros, fica claro que a escrita dos autores caminha em uma mesma direção, ou seja, descrevem os maus tratos que aconteciam nos tratamentos em hospitais psiquiátricos; ele, em Curitiba, e ela, no Rio de Janeiro. Todavia, ao analisar a forma de entrada de ambos, começa a haver divergências. A escritora Maura Lopes Cançado se internou por conta própria, alegando estar abalada mentalmente e sem condições de viver em sociedade. Já o escritor Austregésilo Carrano Bueno foi internado contra a sua vontade, com a anuência de seu pai, simplesmente pelo fato de usar maconha.

Com isso, abre-se um debate sobre os procedimentos utilizados nas internações. Há pesquisas¹ que revelam que muitos dos internos em hospícios brasileiros não sofriam necessariamente de doenças mentais. Na verdade, qualquer pessoa que não se adequava às regras de convivência ditadas pela sociedade brasileira daquele período poderia correr o risco de ir parar num desses lugares para “tratamento”. Assim, era possível que a própria família autorizasse que o indivíduo ficasse isolado do mundo, recebendo altas doses de medicamentos, tratamento com eletrochoque, além de castigos físicos e psicológicos.

A partir disso, o debate em torno de como funcionavam esses locais de “tratamento” no Brasil ainda precisa ser discutido com rigor, pois é necessário um maior re-conhecimento da sociedade em relação ao tema. Considera-se que, graças à luta antimanicomial, foi criada, em 2001, a Lei² que ajudou na exclusão e no

¹ Ver: ARBEX, Daniela. *Holocausto brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

Ver: COSTA, Natália; DALMOLIN, Larissa; PLENTZ, Ana Carolina; *Janela para o passado: fotografias e memórias do Hospital Colônia Sant’ Ana*. In: Revista História Catarina, Ano VII, número 51, p. 29 – 33. Lages – SC, 2013.

² Lei N^o 10.216, 6 de abril de 2001: Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>. Acesso em: 15 abr. 2017.

fechamento de manicômios pelo país. É claro que se deve levar em consideração que ainda existem hospitais psiquiátricos, todavia, a luta em busca da humanização do atendimento a essas pessoas continua como objeto do debate cotidiano, nas mais diferentes áreas do conhecimento.

2 Um breve histórico acerca dos hospícios

Desde a antiguidade, existia certa preocupação do que fazer com os doentes mentais. Posteriormente, durante a Idade Média, foi implantado o Hospital Geral de Paris, na França, datado do ano de 1656. Essa instituição servia para abrigar “toda uma gama de miseráveis – loucos, prostitutas, mendigos, portadores de sífilis, entre outros” (FOUCAULT, 1978, p. 474). Mais tarde, surgiu o médico francês Philippe Pinel³, que retratava, em seu tratamento, a cura dos pacientes.

De acordo com Tubiana, durante o século XX, apareceram três momentos importantes: “a disseminação dos eletrochoques nas décadas de 40 e 50; o uso abusivo da lobotomia durante a década de 50, e o surgimento dos neurolépticos em 52, os quais diminuiriam consideravelmente o uso das duas técnicas anteriores”. (TUBIANA, 1995, *apud* Jucá, 2010, p. 316).

No Brasil, desde o período imperial, já existia a preocupação de se construir casas de alienados e a primeira delas foi feita na cidade do Rio de Janeiro, conforme as ordens do imperador Dom Pedro II. Correlacionado a isso, foi feito o “[...] decreto de 18 de julho de 1841, criando o Hospício de Pedro II[...]” (MACHADO, 1978, p. 428), de forma que ficou decidido o uso da “instituição de características idênticas às do modelo francês elaborado basicamente por Pinel e Esquirol”. (MACHADO, 1978, p. 428). A sua inauguração ocorreu em 1852, na região de Praia Vermelha. Assim, “[...] o marco institucional da assistência psiquiátrica no Brasil, exatamente por ter sido o momento histórico em que se inaugurava o primeiro espaço especificamente destinado aos loucos”. (SÊRRO, 2006, p. 16). Entretanto, o hospício funcionaria juntamente com a Santa Casa da Misericórdia. Mais tarde,

a lei de 1903 e a separação entre o Hospício e a Santa Casa da Misericórdia dão origem a debates na Câmara, no Senado, na imprensa, em que os personagens envolvidos são o Estado, a Santa Casa e a psiquiatria, representada, sobretudo por Nuno de Andrade e Teixeira Brandão. (MACHADO, 1978, p. 485).

Algum tempo depois, foram abertas diversas instituições asilares para doentes mentais, vulgarmente denominados “loucos” ou “alienados”. Entre algumas, pode-se citar o temido “Colônia”, localizado na cidade de Barbacena, interior do estado de Minas Gerais. Datado de 1903, inicialmente, contava com 200 leitos; algum tempo depois, já havia mais de cinco mil pessoas internas. Na obra *Holocausto Brasileiro*, a

³ O médico francês Philippe Pinel (1745-1826) foi pioneiro no tratamento de doentes mentais e um dos precursores da psiquiatria moderna. Formado em medicina, pela Universidade de Toulouse (França), dirigiu os hospitais de Bicêtre e Salpêtrière. Disponível em: <<http://portal.saude.sp.gov.br/caism-philippe-pinel/institucional/quem-foi-philippe-pinel>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

jornalista Daniela Arbex, retrata como funcionava de forma degradante e desumana a referida instituição. De acordo com a autora, “[...] pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros da Colônia. Tinham sido a maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas a força”. (ARBEX, 2013, p. 13).

Posteriormente, surgiram algumas novas alternativas para o tratamento mental. Nesse sentido, é importante ressaltar a tentativa de uma Reforma Psiquiátrica que acabou “marcando o início de muitas transformações no campo da saúde mental, desde a desinstitucionalização, até o surgimento de novas formas de tratamento da doença e inserção do doente mental na sociedade”. (SÊRRO, 2006, p. 17). Além disso, a reforma “[...] propunha a criação de instituições de tratamento construídas sob novos moldes, repelindo práticas violentas como eletrochoques, uso de celas fortes e tratamento com altas doses de medicação”. (MACHADO; POMBO, 2010, p. 112). Logo após, essa busca pela renovação dos métodos de tratamento chegou ao Brasil⁴.

Deve-se levar em consideração, também, que, a partir de 1987, surgiram, no Brasil, grupos de luta antimanicomial, constituídos de pessoas que “negam o manicômio como forma de tratamento e propõem novas alternativas terapêuticas”. (SÊRRO, 2006, p. 17). Uma das principais reivindicações do grupo é a implantação de políticas públicas de humanização em relação aos doentes mentais. Entre elas, algumas que visam à inserção desses indivíduos na sociedade.

3 Trajetórias de vida de Maura Lopes Cançado⁵ e Austregésilo Carrano Bueno⁶

3.1 Maura Lopes Cançado

A escritora Maura Lopes Cançado nasceu em 27 de janeiro de 1929, na cidade de São Gonçalo do Abaeté-MG⁷. Desde a infância, sofria com problemas psicológicos, no entanto, isso não foi empecilho para que ela, no ano de 1944, aos quinze anos de idade, se matriculasse em um aeroclube na cidade de Bom Despacho, onde aprendeu a pilotar. Como se percebe, desde jovem, a escritora já ousava em suas atitudes, contando sempre com o apoio de seus pais, que inclusive deram a ela um avião modelo “paulistinha”⁸, no qual sobrevoava toda a região. Entretanto, relatava que sentia muito

⁴ Ver: AMARANTE, Paulo; coordenador. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

⁵ Ver: Perfil biográfico escrito pelo jornalista Maurício Meirelles, anexado à edição mais recente do livro de Maura Lopes Cançado, lançada no ano de 2015 pela editora Autêntica. CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: diário I*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

⁶ Ver: Livro “Canto dos Malditos” e filme “O bicho de sete cabeças”. Ver: FERNANDES, Jaqueline Alves. *A constituição do sujeito em canto dos malditos, de Austregésilo Carrano Bueno*. Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – MG.

⁷ Município [...], criado pelo decreto-lei N^o 1058, de 31 de dezembro de 1943, com os distritos de São Gonçalo do Abaeté, Canoeiros (ex-Canoas), e parte do distrito de Canastrão, desmembrados do município de Tiros. O distrito de São Gonçalo do Abaeté fora criado pela lei n^o 843, de 7 de setembro de 1923. [...]. (BARBOSA, 1995, p. 314).

⁸ Em 02 de abril de 1943, [...] o *Paulistinha* começou a sair das linhas de montagem da CAP.

receio enquanto pilotava, temendo ter uma crise em meio ao voo. Daí percebe-se a lucidez em relação ao medo de cair, todavia, ela revela que essa sensação servia como estímulo para as suas proezas. Nesse período, a futura escritora casou-se com um colega do aeroclube, Jair Praxedes. Ainda no mesmo ano, o casal teve um filho, que foi batizado com o nome de Cesarion. No ano seguinte, em 1945, separou-se do marido, voltando a morar com os pais, em São Gonçalo do Abaeté, porém, nesse mesmo ano, seu pai José Lopes Cançado faleceu.

Em 1949, internou-se por conta própria na Casa de Saúde Santa Maria, na cidade de Belo Horizonte, alegando estar sentindo-se muito angustiada e extremamente deprimida. Adiante, ela decidiu ir morar na cidade do Rio de Janeiro. Em 1958, Maura Lopes Cançado escreveu alguns contos e enviou para o escritor Ferreira Gullar que, de imediato, interessou-se pela escrita da autora. Decidindo ir ao encontro da jovem, ao conhecê-la, percebeu que ela estava com problemas. O autor então decide dar-lhe uma vaga de assistente no Jornal do Brasil. Pouco tempo depois, o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil publicou, em 1958, o primeiro conto da escritora, intitulado de “*No quadrado de Joana*”⁹, esse conto foi muito elogiado, inclusive pela escritora Clarice Lispector. Nesse conto, percebe-se claramente que os problemas mentais da escritora interferiam no seu modo de escrever, pois a personagem principal sofria de esquizofrenia catatônica. Durante a sua passagem pelo jornal, segundo alguns ex-colegas, a autora demonstrou o seu jeito inconstante de ser, às vezes, carinhosa e meiga, mas, de repente, poderia agir de forma violenta e agressiva.

No ano de 1959, a escritora decidiu internar-se novamente, dessa vez no Hospital Gustavo Riedel. Porém, continuava escrevendo os seus contos. Além disso, escreveu o livro *Hospício é Deus Diário I*, que claramente dividia-se em duas partes, sendo a primeira a rememoração de sua infância e adolescência, e a segunda escrita em forma de diário, na qual foram relatadas as experiências da escritora enquanto interna de hospitais psiquiátricos, no Rio de Janeiro. Em 1968, é lançado o seu outro livro *O sofredor do ver*¹⁰, contando com alguns contos que haviam sido publicados nos jornais e outros inéditos. Contudo, em 11 de abril de 1972, enquanto estava internada na Clínica Dr. Eiras, acabou matando estrangulada com um lençol uma interna de dezenove anos. Quando os médicos chegaram, a escritora estava perturbada, tendo recordado o fato apenas na penitenciária, relatando ter sido acometida com amnésia e não lembrar-se direito do ocorrido. Depois disso, a escritora foi considerada inimputável pela justiça, passando a viver de casa em casa no Rio de Janeiro, com a ajuda de seu filho Cesarion, sendo que nunca mais escreveu, vindo a falecer em 19 de dezembro de 1993, com um

Apenas 20 exemplares foram construídos da primeira versão do CAP-4, dando lugar a outras três versões: CAP-4A, CAP-4B, CAP-4C. [...] era uma aeronave robusta e com boas qualidades de vôo, de fácil manejo, muita durabilidade e baixo custo de produção e de manutenção. Fonte: Centro Histórico Embraer. Disponível em: <<http://www.centrohistoricoembraer.com.br>>. Acesso em: 4 ago. 2017.

⁹No conto “*No quadrado de Joana*”, a personagem principal sofre de esquizofrenia catatônica, cuja sua principal missão é andar sempre linearmente dentro de um hospício. Esse conto foi muito elogiado, inclusive, por Clarice Lispector.

¹⁰*Ver*: CANÇADO, Maura Lopes Cançado. *O sofredor do ver*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ataque cardíaco.

3.2 *Austregésilo Carrano Bueno*

Austregésilo Carrano Bueno nasceu em 15 de maio do ano de 1957, na cidade de Curitiba, no Paraná. Desde criança, levava uma vida com liberdade em busca de sua emancipação social. A partir do livro *Canto dos Malditos*, percebe-se que, durante a sua adolescência, ele gostava muito de viajar, principalmente para Santos e Rio de Janeiro. O autor adorava curtir a vida e as aventuras nela contida, juntamente com seus colegas. Porém, o seu pai acabou encontrando um cigarro de maconha em seu bolso. Por isso, aos 17 anos de idade, foi internado pela primeira vez em um hospício.

O ano era 1974, seu pai pediu para que ele lhe acompanhasse a uma visita a um amigo da família no hospital. Todavia, quando chegou ao local, o autor foi internado compulsoriamente no hospital psiquiátrico do Bom Retiro. Apesar de relatar para todo corpo médico que não precisava de tratamento, pois não sofria de doenças mentais, tudo foi em vão, Austregésilo Carrano Bueno começava a sua viagem ao interior de hospitais psiquiátricos. Já nessa primeira instituição, o autor começou a escrever o seu livro, que seria publicado apenas em 1990. Contudo, essa não foi a única instituição em que ele esteve internado. Ao ser retirado do Bom Retiro, ele foi para o Rio de Janeiro e encaminhado para o Hospital Psiquiátrico Pinel. Depois de alguns dias, foi mandado de volta a Curitiba e internado no Hospital San Julia e, por último, antes de fugir, no Hospital Psiquiátrico da Glória.

Logo após, Carrano engajou-se na luta antimanicomial, denunciando os abusos que sofriam os pacientes dessas instituições. Com isso, ele participou de diversas palestras, entrevistas e debates sobre o tema. De maneira que, inclusive, foi homenageado em 2003, por sua luta e seu empenho a favor do fim dos manicômios brasileiros.¹¹ O seu livro, posteriormente, foi adaptado para o cinema, sendo intitulado de “*O bicho de sete cabeças*”¹² (2000). O autor faleceu aos 51 anos, na data de 27 de maio do ano de 2008, na cidade de São Paulo, devido a um câncer no fígado.

4 “*Hospício é Deus: diário I*” e “*Canto dos malditos*”: aproximações e distanciamentos

Para uma melhor compreensão da escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado e Austregésilo Carrano Bueno, pode-se trabalhar com aproximações e distanciamentos entre os autores. Pois, em suas obras, ambos relatam sobre as suas experiências no interior dos hospícios. Primeiramente, retrata-se sobre as primeiras

¹¹“Em 28 de maio de 2003, Carrano foi homenageado pelo então Presidente da República, Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, pelo seu empenho na Reforma Psiquiátrica que está sendo construída em todo o Brasil”. Disponível em: <http://premiocarrano.blogspot.com.br/2013/04/pequena-biografia-de-austregesilo.html>. Acesso em: 15 abr. 2017.

¹²“O livro *Canto dos Malditos* deu origem ao filme mais premiado da história da cinematografia brasileira: *Bicho de Sete Cabeças*, dirigido por Laís Bodanzky. Essa obra recebeu 45 prêmios nacionais e 08 prêmios internacionais, ao todo são 53 prêmios conquistados”. Disponível em: <http://premiocarrano.blogspot.com.br/2013/04/pequena-biografia-de-aus>. Acesso em: 15 abr. 2017.

impressões das instituições e, depois, sobre o tratamento recebido.

4.1 Hospícios: primeiras impressões

A escritora Maura Lopes Cançado chegou à sua primeira internação na Casa de Saúde Santa Maria, em Belo Horizonte, por conta própria¹³, visto que alegou estar angustiada e depressiva em relação à sua vida. Deve-se levar em consideração, também, que, desde os seus sete anos de idade, a escritora sofria com áureas epiléticas. Posteriormente, quando se mudou para a cidade do Rio de Janeiro, voltou a se internar em hospitais psiquiátricos, sendo que escreveu o seu livro *Hospício é Deus – diário I* quando se encontrava internada em um desses hospitais. Já o autor Austregésilo Carrano Bueno foi internado pela primeira vez aos dezessete anos de idade, no Hospital Psiquiátrico do Bom Retiro, em Curitiba. A internação foi coercitiva com a autorização dos seus familiares. Ao ser indagado porque estava naquele lugar, um enfermeiro lhe respondeu, “seu pai encontrou maconha numa jaqueta sua. Ele acha que você é viciado e trouxe-o aqui para fazer tratamento”. (CARRANO, 1993, p. 36). Logo após, acabou sedado, de acordo com o autor, foi “preparada à injeção... uma cavala¹⁴! Braço no suporte, palmadinhas para despertar a veia – e a picada”. (CARRANO, 1993, p. 37). Dentro dessa instituição, Austregésilo Carrano Bueno começou a escrever o seu livro *Canto dos malditos*, no qual descreve sobre a sua experiência dentro da instituição.

No diário autobiográfico de Maura Lopes Cançado, ela descreve como era todo o sistema onde se encontrava no ano de 1959. Retrata a quantidade de prédios e instalações para diferentes tipos de “pacientes” que eram ali internados para uma “suposta melhora”. Segundo a autora, o local

se compõe de seis edifícios, abrigando, normalmente, creio, dois mil e quinhentos habitantes (não estou bem certa do número). Doentes mentais, ou como tais considerados. Além do hospital onde me encontro existem: IP (Instituto de Psiquiatria), onde se fazem internações (estive lá dois meses. É caótico), Bloco Médico-Cirúrgico, Isolamento (Hospital Braule Pinto – doenças contagiosas, tuberculose principalmente), Hospital Pedro II e Instituto de Neuropsiquiatria Infantil. O isolamento fica aqui perto. À noite, se não consigo dormir, ouço gritos dos doentes de lá. Não compreendo um hospital abrigando tuberculosos no Engenho de Dentro, onde o clima é o mais quente do Rio. Há também o Serviço de Ocupação Terapêutica do Centro. Serve, ou devia servir, a todos os hospitais. (CANÇADO, 1979, p. 33).

Já nas primeiras páginas de seu livro, Austregésilo Carrano Bueno descreve

¹³Existiam várias formas de se internar em hospícios. Inclusive, a de um caso muito conhecido de um funcionário que começou a trabalhar em umas dessas instituições e acabou desenvolvendo alguns distúrbios, virando paciente. Ver: FARIAS, Walter; SONIM, Daniel Navarro. *O capa branca*: de funcionário a paciente de um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil. São Paulo: Terceiro nome, 2014.

¹⁴ Na escrita de Austregésilo Carrano Bueno, é comum encontrar palavras informais, bem como algumas gírias. Deve-se levar em consideração que, por se tratar de citações, em todo o texto elas serão reproduzidas originalmente, ou seja, assim como ele escreveu em seu livro.

como foram as primeiras impressões do local no qual estava internado. Inicialmente, relata sobre a tentativa de explicar para o médico que não sofria de problemas mentais. Porém, não obteve sucesso, um enfermeiro lhe disse: “o Dr. Alô Guimarães é um dos melhores psiquiatras do Paraná. Só em vê-lo ele já analisou... Ele é o seu médico, é bastante experiente”. (CARRANO, 1993, p. 47). Austregésilo indagou: “ele é também adivinho,... olhou-me por uns segundos e já soube se sou viciado... [...]”. (CARRANO, 1993, p. 47). Por meio de seu livro, Maura Lopes Cançado também descreve que, nas visitas aos internos, “o médico, tocado pelo que trouxe de fora e na impaciência de voltar, atende apressado”. (CANÇADO, 1979, p. 78). Com isso, sempre que “[...] os internados podem ter contato face a face com a equipe dirigente, o contato frequentemente se apresenta como pedidos, por parte da equipe dirigente; essa gente – paciente nos hospitais para doentes mentais”. (GOFFMAN, 1974, p. 78). Dessa forma, percebe-se que os médicos não ficavam muito tempo dentro das instituições e que o papel principal no atendimento era feito por outras pessoas, por exemplo, os (as) enfermeiros (as).

Para retratar como os pacientes eram destituídos de sua identidade social, pode-se utilizar o *conceito de instituições totais* do sociólogo estadunidense Erving Goffman, que revela que “as instituições totais de nossa sociedade podem ser, grosso modo, enumeradas em cinco agrupamentos [...]”. (GOFFMAN, 1974, p. 16). De forma que, dentro desses grupos de instituições, encontram-se “[...] sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários”. (GOFFMAN, 1974, p. 16 - 17).

O indivíduo, quando entrava em contato com o ambiente em que iria ficar isolado e destituído de pessoas que lhe pudessem oferecer algum grau de segurança, era envolto a uma teia que era conferida a uma estranha sensação de pertencimento. Como descreve Maura Lopes Cançado (1979, p. 34), “estranha a minha situação no hospital. Pareço ter rompido completamente com o passado, tudo começa do instante em que vesti este uniforme amorfo [...]”. Isso se tornava comum, pois, ao entrar nas instituições, era imediatamente ofertada ao novo paciente a admissão de “ser conformado e codificado num objeto que pode ser colocado na máquina administrativa do estabelecimento, modelado suavemente pelas operações de rotina”. (GOFFMAN, 1974, p. 26). Com isso, lhe é retirado o sentimento denominado de “eu”, ou seja, passa a não existir uma pessoa que tem seus próprios pensamentos, ideias, reflexões, indagações e suposições. Dessa forma, começava-se “uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu”. (GOFFMAN, 1974, p. 24). Assim, “a barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu”. (GOFFMAN, 1974, p. 24).

Além disso, o uso padronizado do uniforme, uma ficha de identificação e o tratamento ofertado de igual forma aos internos fazem surgir um novo grupo de alienados. Dessa forma, “[...] há um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado pode esperar algum apoio: aqueles que compartilham seu estigma e, em virtude disto, são definidos e se definem como seus iguais”. (GOFFMAN, 1975, p. 37). Nesse sentido, surgem as amizades conferidas a um ou outro em igual condição, mesmo que ligadas por suas trajetórias de vida. Lembrando que “não importa a quantidade de dinheiro da família do interno e nem tão pouco seu prestígio social, estando ali dentro, é louco,

perde o direito à voz, à cidadania e principalmente o direito de viver entre os 'normais'". (FERNANDES, 2010, p. 60).

4.2 Hospícios: o tratamento recebido

Os primeiros relatos ouvidos por Austregésilo dentro do hospício eram desanimadores, ao contar a outro interno que já se encontrava ali há algum tempo, porque usava cocaína, o rapaz descreveu: "cara, teu velho é um mal informado. Se ele queria evitar que você tomasse drogas, ele te trouxe ao lugar mais errado do mundo, pois aqui dentro nós somos drogados diariamente". (CARRANO, 1993, p. 41). Logo após, o rapaz revela que o pior era tomar a "turtulina", Austregésilo indaga o que seria isso, então o interno lhe responde: "é uma injeção de Haloperidol¹⁵ que lhe aplicam no músculo. Você fica igual àquele cara grandão, lá no canto: babando e revirando a cabeça. A porra dessa injeção repuxa todos os nervos". (CARRANO, 1993, p. 41).

Aquilo parecia ser algo surreal para o autor, que, inclusive, já havia apelidado aquele lugar de "canto dos malditos", ou seja, onde ficavam os internos que não tinham mais chance de sair daquele lugar, nem de viver uma vida "normal". Nessa hora, Austregésilo fica apreensivo, temendo se tornar mais um dos frequentadores do canto. Ele complementa: "o que muitos crônicos tinham em comum era o seu ostracismo em suas fantasias. Indiferentes – riam, choravam, gritavam não se sabia por quê". (CARRANO, 1993, p. 73). Isso se deve pelo fato de que aquele ambiente "era o espaço em que os crônicos se amontoavam, vegetando ou deixando aflorar sua agressividade; era a segregação no interior da segregação". (FERNANDES, 2010, p. 132). É importante ressaltar que dentro de "algumas instituições totais o internado é obrigado a tomar medicamentos orais ou intravenosos, desejados ou não [...]". (GOFFMAN, 1974, p. 34). E era o que realmente acontecia nessa instituição onde se encontrava internado o autor.

A escritora Maura Lopes Cançado descreve o local em que estava no ano de 1960: "moro atualmente no Centro Psiquiátrico Nacional – Hospital Gustavo Riedel – Seção Tillemont Fontes – Engenho de Dentro – Rio. Isto em linguagem clara quer dizer mesmo hospício". (CANÇADO, 1979, p. 90). O seu livro começou a ser escrito em outro hospício, mas agora era a visão de uma nova instituição. Ela se dirige a Dr. A e diz: "o senhor é arbitrário e irresponsável. Deu-me um eletro-choque quando fui sua paciente, sei que há contra indicação no meu caso". (CANÇADO, 1979, p. 45). A autora descreve que havia feito exames que atestavam que ela não poderia receber aquela alta carga de eletricidade. Posteriormente, ela continua: "fez o eletro-choque por vingança e para castigar-me [...]". (CANÇADO, 1979, p. 46). E logo após, ela conclui: "mas, aqui, até as guardas ameaçam doentes com eletrochoques, trazendo-as em constante estado de tensão nervosa". (CANÇADO, 1979, p. 46). No seu livro, ela faz revelações do tratamento recebido de outros médicos, referindo-se a Dr. J:

¹⁵ "Haloperidol, uma butirofenona, é utilizado no tratamento da psicose, em fase aguda, quando predominam os sintomas produtivos, e em fase de manutenção." Conselho Federal de Farmácia. Disponível em: <<http://www.cff.org.br/pagina.php?id=621>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

em sua seção padeci no seguinte regime: quarto - forte. Injeção para dormir. Violência das guardas. Mais quarto - forte. Mais violência das guardas. Quarto - forte (às vezes dormindo no cimento frio). Assim sucessivamente. Fuga. Comunicação pelo telefone com Carlos Fernando, Maria Alice e Ferreira Gullar. Meu salvamento por Carlos Fernando. (CANÇADO, 2015, p. 49-50).

O autor Austregésilo também escreve que recebeu sessões com eletrochoque. Na primeira vez, chegou a implorar ao médico psiquiatra Dr. Alô Guimarães para não receber o “tratamento” com tal equipamento, na passagem, o autor descreve: “pelo amor de Deus, Doutor Alô!... eu não preciso mais! Doutor, eu já estou bom. Por favor, não façam isso comigo, pelo amor de Deus...”. (CARRANO, 1993, p. 65). Todavia, as suas súplicas não foram levadas em consideração. Em seguida, descreve todo o procedimento a qual foi submetido:

Marcelo colocou uma das suas pernas dobradas em cima do meu tórax. Uma das mãos em cada braço meu, perto dos ombros, forçando tudo para baixo. O outro enfermeiro pediu que eu abrisse a boca, e por ela enfiou um pequeno tubo preto de borracha e oco. Disse que eu mordesse com força. Em seguida, ele juntou as minhas pernas e começou a forçá-las para baixo. Antes, porém, passou alguma coisa gordurosa em minhas têmporas. Eu não conseguia mais raciocinar – estava paralisado. [...] vi o médico se aproximar da minha cabeça, por trás, seu rosto perto do meu. [...] olhou em volta examinou as minhas têmporas. Suas mãos tocaram meu cabelo, limpando-as. Em seguida, recuou um pouco. Só escutei parte do meu gemido. Perdi os sentidos. (CARRANO, 1993, p. 67)

O escritor revela que, ao acordar, sentia-se estranho, com “uma dor de cabeça, como se alguém tivesse arreventado uma garrafa cheia nela a dor de cabeça era muito forte, meu peito também doía muito. Eu havia babado. Eu estava todo babado... [...]” (CARRANO, 1993, p. 67). Depois, continua descrevendo os efeitos do eletrochoque: “[...] Meus pensamentos, todos embaraçados. [...] tudo dói. Parece que fui atropelado”. (CARRANO, 1993, p. 67). O tratamento com eletrochoque não era utilizado somente no Brasil, mas em diversas partes do mundo, na tentativa de tratar os doentes mentais ou quem estivesse inserido nessas instituições. Ao retratar hospícios estadunidenses, o sociólogo Erving Goffman (1974, p. 38) afirma que, após o procedimento, “as convulsões do paciente são muitas vezes semelhantes às de uma vítima de acidente durante a agonia, e são acompanhadas por estertores e, às vezes, por uma espuma de saliva que escorre da boca”. Além disso, Austregésilo expõe o que aconteceu quando resolveu comer alguma coisa no café da manhã: “mordo o pão, os dentes também doem. Caralho!... O que fizeram comigo? [...]” (CARRANO, 1993, p. 67). Já na hora do almoço, “o cheiro de comida me dava ânsia de vômito”. (CARRANO, 1993, p. 68). Chegando ao ponto do autor inferir: “foi o pior dia que eu passei, desde o internamento”. (CARRANO, 1993, p. 68). É importante ressaltar que o efeito do eletrochoque poderia durar por dias, ou seja, além da dor e do sofrimento físico e mental causado pelo momento em que lhe era eletrocutado, as reações eram contínuas.

Na segunda semana, ao ser chamado para o quarto onde se aplicava eletrochoque, Austregésilo já estava apavorado. Ele retrata em seu livro que o

desespero era tamanho que ele ficou fora de si, de acordo com o autor, “meu terror era tanto, que de quatro, comecei a lamber o chão daquele quarto. Como penitência. Lambia. Lambia o chão. Minha língua ficou toda cheia de poeira – Senhora minha, mãe Santíssima! fazei com que ele não venha hoje, eu engulo essa sujeira... Eu engulo!” (CARRANO, 1993, p. 77). A situação era revoltante e absurda. Nesse trecho do livro, ele provoca o leitor a fazer uma reflexão daquele tipo de tratamento, tentando colocar quem lê em seu lugar, ou seja, fazendo, assim, com que haja um maior entendimento por parte dos leitores. Segundo Austregésilo Carrano Bueno (1993, p. 77),

sentia-me um animal ferido e acuado, preso naquele quarto. Um garoto de dezessete anos, espinha na cara, barba nem pronunciada. Preso, esperando o choque! [...]. O que eles dizem para os nossos familiares é uma coisa queria ver meu pai aqui dentro: preso, esperando o eletrochoque. [...]. Queria ver um de vocês, leitores, aqui dentro: Preso! ...esperando o eletrochoque. [...].

Infelizmente, de acordo com o autor, de nada adiantou a sua penitência. Mais uma vez ele havia sido vítima do temido aparelho de choque. Na instituição em que se encontrava internado, ele revela que eram muitos os pacientes que passavam pelo procedimento, inclusive, seu colega de pátio Rogério, que estava no local por causa de seu vício em cocaína.

A autora Maura Lopes Cançado, em determinadas partes do seu livro, ressalta momentos em que tentava incitar as internas a participarem de protestos contra o sistema, que lhe eram atribuídas. Em uma dessas passagens, a autora menciona que, quando uma enfermeira chamada Dona Dalmatie saiu de férias, ficou em seu lugar a sua auxiliar, Dona Cajé. Com isso, as internas passaram a sofrer mais agressões e humilhações, então, no dia da volta de Dona Dalmatie, elas resolveram fazer uma surpresa, colocaram cartazes em diversos locais das paredes com os seguintes dizeres:

“NÃO QUEREMOS CAJÉ. ABAIXO CAJÉ E SUA BURRICE. ESTAMOS EM REGIME DEMOCRÁTICO, LUTAREMOS POR NOSSOS DIREITOS [...]”. (CANÇADO, 1979, p. 164-165). Por sorte, com a volta da nova enfermeira, as internas não foram punidas, embora, segundo Maura, Cajé tenha tentado. O diretor do hospital psiquiátrico parece não ter ligado muito para o fato.

Dentro da instituição, a escritora Maura Lopes Cançado retrata também que houve alguns momentos de trocas de experiências entre ela e o corpo médico. Em uma dessas passagens, ela descreve a visita que fez com um dos médicos a uma livraria. Sendo que, inclusive, lhe deu um livro de presente. De acordo com a autora, “saímos para a rua. Felizes, conversando e rindo como namorados”. (CANÇADO, 1979, p. 191). A partir dessas relações dialógicas entre paciente e médico, pode-se utilizar o *conceito de experiência histórica*, presente no livro *A miséria da Teoria ou um Planetário de erros: uma crítica a Althusser* (1977), do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993). Visto que não só Maura Lopes Cançado, mas também os outros internos estavam em constantes trocas de experiências, sendo elas boas ou não. Além disso, havia uma retroalimentação entre as duas classes difundidas nos hospícios, o corpo médico e os

internos¹⁶. Nesse sentido, é possível que, em algumas oportunidades, houvesse diálogo entre essas pessoas. E, dessa forma, um aprendizado entre ambas. No entanto, esse fator não permite que sejam negligenciados os maus tratos que ocorriam dentro dessas instituições.

Quando iam até o pátio, tanto Maura Lopes Cançado quanto Austregésilo Carrano Bueno, descrevem em seus livros que viam coisas absurdas, surreais. A autora compara, inclusive, a cena a uma obra literária: “fui hoje ao pátio com Isabel. Não creio que a descrição do inferno, na *Divina Comédia* de Dante, possa superá-lo”. (CANÇADO, 1979, p. 160). Já o autor descreve que “o conceito geral daquele pátio é uma grande jaula, onde as feras, umas deitadas na pouca grama, outras sentadas em diversos lugares, os olhares perdidos horas e horas, olhando não se sabia para onde... [...]”. (CARRANO, 1993, p. 38).

Quando analisam a situação dos refeitórios onde os internos se alimentavam, há também uma aproximação entre os autores. De acordo com Maura Lopes Cançado, “à hora do almoço o refeitório vibra, frenético e nauseante. Uma, rasgada, dança com o prato na cabeça. Outra come ávida, mastigando de boca aberta, a gordura escorrendo-lhe pelo queixo. Falam, cantam, brigam, riem”. (CANÇADO, 1979, p. 78). Não muito distante, a guarda grita com uma doente mental que se recusa a comer: “Coma, diabo. Você devia dar graças a Deus por esta comida. São todas umas pobres indigentes”. (CANÇADO, 1979, p. 79). Nesse sentido, Goffman ressalta que o interno deve “comer o alimento, por menos agradável que este seja. Quando um internado se recusa a alimentar-se pode haver contaminação imposta de suas entranhas por alimentação forçada”, (GOFFMAN, 1974, p. 34). Na descrição de Austregésilo, o refeitório ganha um ar ainda mais carregado, inclusive, ele escreve de forma provocativa, fazendo, assim, que o leitor reflita sobre o que realmente acontecia ali naquele espaço, segundo Austregésilo Carrano Bueno (1993, p. 83):

ao entrar no pavilhão, chega-se direto à sala que podemos denominar também de sala dos malditos. Quem raciocina e tem estômago não conseguiria comer um prato de comida naquela sala. As suas companhias de almoço seriam crônicos que defecam no banco. E com as mãos sujas de merda, pegam os alimentos e os levam a boca. Babando e misturando as fezes com arroz e feijão, riem para você, de boca cheia. Por mais que os enfermeiros cuidassem para que os crônicos não cagassem por ali, ou que já se sentassem cagados à mesa, não dava pra controlá-los, pois eram muitos. Roubam também a comida um do outro, gritam e jogam comida. Lambuzam-se de gordura, misturam com suas fezes. Sem mencionar o cheiro. Está sobrando um lugar à mesa que tal?... você vir almoçar com eles?.

Nos hospícios brasileiros durante o período abordado no texto, era comum que os internos não conseguissem nenhuma ajuda para que pudessem sair das instituições melhores do que entraram. Pelo contrário, esses internos eram vistos como meros números, que rendiam um alto valor econômico no final do mês. Além disso,

¹⁶ A historiadora Magali Gouveia Engel possui um importante trabalho sobre essa temática. Ver: ENGEL, Magali Gouveia. *Delírios da Razão: Médicos, Loucos e Hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

acreditava-se que, com os procedimentos de tortura e altas doses de medicações, o paciente era mascarado em torno de uma suposta melhoria, sendo assim, apresentado para os seus familiares e conhecidos como alguém que estava em rápida ascensão nas fases do tratamento. Essas instituições, normalmente, apresentavam-se às pessoas nas áreas externas “como organizações racionais, conscientemente planejadas como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades oficialmente confessadas e aprovadas”. (GOFFMAN, 1974, p. 69-70). Dessa forma, algumas tinham alto prestígio na sociedade, ou seja, na maioria das vezes, aprovava-se esse tipo de comportamento e as pessoas eram condizentes com as práticas utilizadas no interior das instituições. No entanto, muitas eram enganadas pelos dirigentes e pelo corpo médico dos hospícios brasileiros. A escritora Maura Lopes Cançado (1979, p. 161), em uma passagem do seu livro *Hospício é Deus*, escreve em forma de reflexão:

ENTRADA FRANCA AOS VISITANTES: não terá você, com seu indiferentismo, egoísmo, colaborado para isto? Ou você, na sua intransigência? Ou na sua maldade mesmo? Sim, diria alguém, se pudesse: recusaram-me emprego por eu ter estado antes internado num hospício. Sabe ilustre visitante, o que representa para nós uma rejeição? Posso dizer: representa um ou mais passos para o pátio. – Eu quis, mas não posso viver junto deles. Que fazer? Odeio-os então por isto. Trancar-me – voltar para o pátio, onde serei recusada. Fugir. Fuga na loucura.

5 Considerações finais

O principal desafio deste trabalho foi trabalhar de forma interdisciplinar sobre o tema, levando-se em consideração as áreas da História, da Literatura e da Psiquiatria. Porém, a partir da conclusão dessa pesquisa, é possível verificar importantes fatores que contribuem para um maior entendimento dos procedimentos adotados por parte dos hospícios brasileiros. Nesse sentido, ressalta-se, também, que nem todos os pacientes sofriam de problemas psiquiátricos, alguns foram internados simplesmente pelo fato de não se encaixarem em um padrão que a sociedade exigia como sendo o correto.

O resultado final obtido por essa pesquisa foi satisfatório, pois a utilização da escrita autobiográfica de Maura Lopes Cançado e de Austregésilo Carrano Bueno possibilitou novas formas de interpretações quanto aos hospícios. Além disso, pode-se compreender um pouco mais sobre a vida e a obra de ambos os autores. Nesse sentido, a pesquisa consegue trazer como resultado final um texto em que o leitor possa compreender e fazer uma reflexão de como eram os procedimentos de tratamento mental no Brasil, principalmente no período abordado na pesquisa.

Referências

ARBEX, Daniela. *Holocausto brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BARBOSA, Waldemar Almeida. *Dicionário histórico geográfico de Minas Gerais*. v. 181. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus: diário I*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

_____. *Hospício é Deus: diário I*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. *O sofredor do ver*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CARRANO, Austregésilo. *Canto dos malditos*. 2. ed. São Paulo: Lemos editorial, 1993.

FERNANDES, Jaqueline Alves. *A constituição do sujeito em canto dos malditos, de Austregésilo Carrano Bueno*. Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – MG, 2010.
Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/ppgel/wp-content/uploads/2016/05/jaquelinealves.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

JUCÁ, Vlória. A cura em saúde mental: história e perspectivas atuais. In: WADI, Yonissa Marmitt; SANTOS, Nádia Maria Weber. (Org.). *História e Loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia: Edufu, 2010, v. 1, p. 307 – 330.

MACHADO, Maria Clara Tomaz; POMBO, Ríciele Majorí Reis. A loucura sob novo olhar: reorganização dos serviços de atendimento em saúde mental (Uberlândia - MG, 1984-2005). In: Yonissa Marmitt Wadi; Nádia Maria Weber Santos. (Org.). *História e Loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia/MG: Edufu, 2010, v. 1, p. 105 - 141.

MACHADO, Roberto. *et al. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

SÊRRO, Raquel Brandão do. *Maura Lopes Cançado: lúcida, lírica e louca*. 2006. 44p. Monografia de Graduação em Letras, Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), Patos de Minas – MG, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. O termo ausente: experiência. In: _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 180-200.